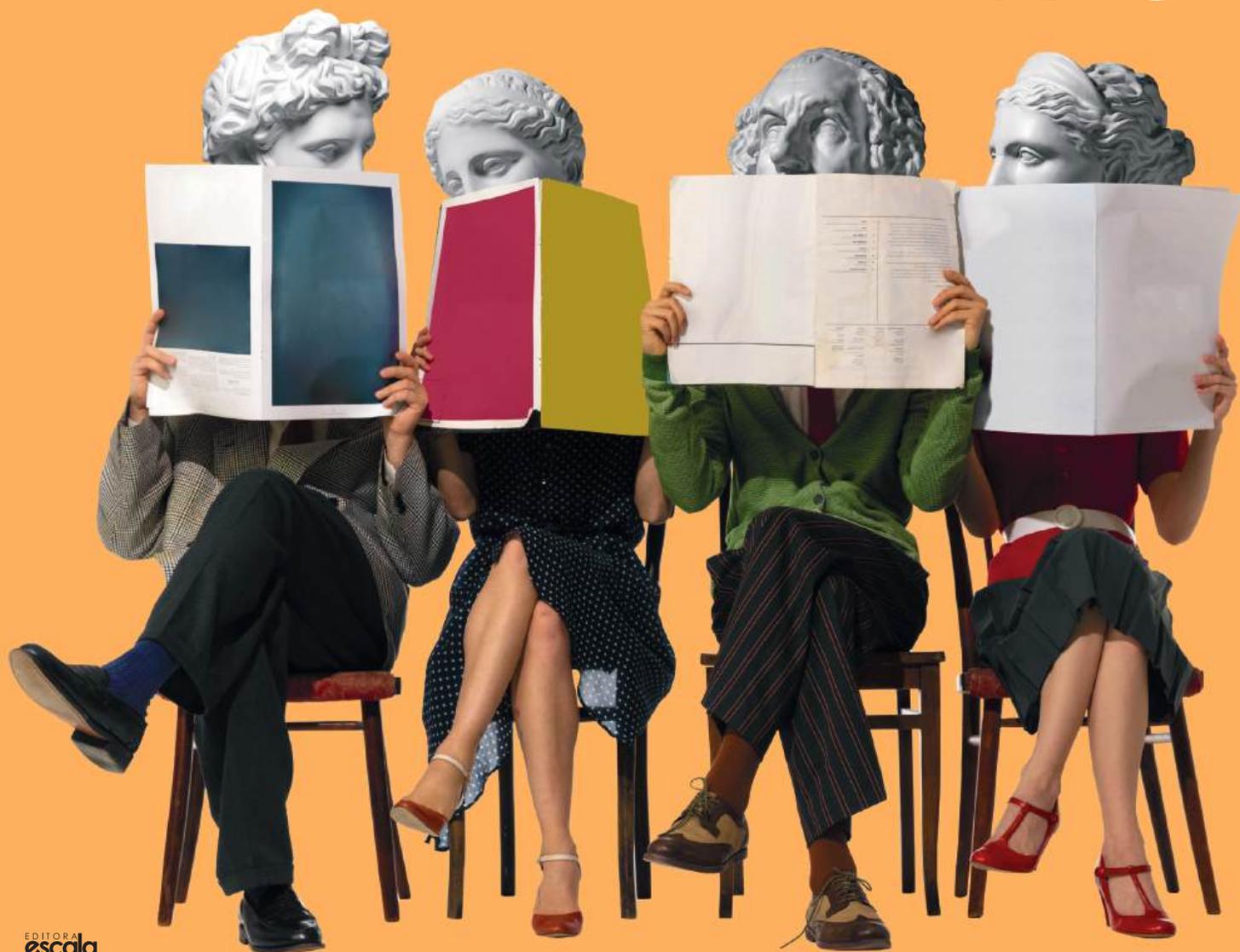


humanitas

MEMÓRIAS DA ESCRAVIDÃO

AINDA HÁ TEMPO DE INTENSIFICAR A
COLETA E A PRESERVAÇÃO DE DADOS DE
FAMÍLIAS NEGRAS E MISTIÇAS DO PAÍS

175



EDITORA
escala



VERDADEIRO OU FALSO?

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS SOBRE A VERDADE PARA PROMOVER O
QUESTIONAMENTO CRÍTICO, FILTRAR INFORMAÇÕES E AJUDAR A NAVEGAR
DE FORMA MAIS SEGURA PELO MAR DOS VIESES ALGORÍTMICOS

IMPASSE GLOBAL: A POSSÍVEL REELEIÇÃO DE TRUMP E AS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS DE APOIÁ-LO (OU NÃO)

Virgílios da Unicamp

Antes de começar a escrever este editorial, fiz uma rápida pesquisa no Google. Eu desejava saber se existia algum artigo que tivesse analisado os benefícios da inteligência artificial (IA) para os humanos. Os dados ranqueados na página 1 da plataforma mostraram apenas conteúdos sobre os benefícios para a economia global, os negócios.

Ao rolar o cursor, encontrei uma única reportagem, da revista *The Economist*, falando sobre o impacto da IA na cultura e no curso da história. Nada contra o avanço tecnológico. O problema, para mim, é que ele pode requerer muito mais do que o simples domínio do funcionamento dos inúmeros aplicativos que querem nos fazer crer que facilitam nossa vida.

Na era da informação, que nos promete iluminação e entendimento, precisamos de um Virgílio que nos guie até o que tem



se revelado ser uma Porta do Inferno. Nesta edição, quem faz esse papel são os doutores da Unicamp Rafael R. Testa e João Antonio de Moraes. Em vez de nos exortar que deixemos a esperança de lado, eles nos apresentam um verdadeiro manual para “discernir entre verdade e manipulação em um ambiente saturado de conteúdo muitas vezes tendencioso ou fabricado”. Antecipe-se a essa novidade tecnológica e aproveite a oportunidade de aprender a lidar melhor com ela.

Boa leitura!

Cristina Almeida - Editora



Critérios da verdade

Na era das tecnologias digitais, entender vieses algorítmicos por meio das teorias da verdade ajuda a fazer perguntas cujas respostas facilitam a filtragem da informação de forma mais eficaz. O ganho é a compreensão aprofundada da realidade

POR RAFAEL R. TESTA E JOÃO ANTONIO DE MORAES



© SVETAZI / GETTY IMAGES

Nos últimos anos, a ascensão das redes sociais transformou radicalmente nossa interação com a informação, expondo-nos a uma realidade em que a verdade é frequentemente filtrada e distorcida por algoritmos¹. Um exemplo marcante dessa distorção é a disseminação de teorias negacionistas durante a pandemia de covid-19, que ilustra o potencial dessas plataformas para influenciar percepções e comportamentos em massa. Além da saúde pública, essa manipulação informacional tem se estendido ao campo político, intensificando a polarização e desafiando os alicerces da democracia.

Esse fenômeno não se limita a incidentes isolados, mas reflete uma tendência global em que a polarização política é exacerbada pela formação de “câmaras de eco” e “filtros bolha” algorítmicos. Câmaras de eco surgem quando usuários são expostos repetidamente a pontos de vista similares, amplificando e reforçando suas crenças pré-existentes dentro de um sistema fechado, enquanto filtros bolha resultam da personalização algorítmica que seleciona e apresenta informações alinhadas com as preferências e os comportamentos anteriores do usuário, isolando-o de conteúdos divergentes. Juntos, esses fenômenos contribuem para um ambiente onde a exposição a uma diversidade de perspectivas é limitada, fortalecendo a polarização e minando o diálogo e a compreensão mútua (Ross Arguedas *et al.*, 2022)

Estamos, portanto, imersos em uma realidade digital na qual a verdade é frequentemente uma entidade maleável, desafiando nossas concepções dos limites entre fato e ficção. Nesse cenário, a necessidade de compreender os mecanismos que formam nossa relação com a informação torna-se imperativa. As tecnologias digitais de comunicação² não apenas moldam nossa percepção do mundo, mas também definem o próprio tecido de nossa realidade social e política.

Sociedade da informação

A nossa dependência crescente das tecnologias digitais insere-nos na chamada “sociedade da informação”, um termo que sugere uma era definida pelo acesso e pelo fluxo livre de informação. No entanto, esse acesso sem precedentes traz consigo questionamentos fundamentais: que tipo de informação está sendo disseminada? Estamos equipados para discernir entre verdade e manipulação em um ambiente saturado de conteúdo frequentemente tendencioso ou fabricado?

A era da sociedade da informação promete iluminação e entendimento, mas enfrentamos um paradoxo: quanto mais informações temos ao nosso alcance, mais desafiador pode ser identificar a verdade (Moraes; Testa, 2023). Diante de uma enxurrada informacional incessante e muitas vezes contraditória, a capacidade de separar fatos de ficção torna-se uma habilidade crucial, mas cada vez mais complexa.

Teorias da verdade

Diante desse cenário desafiador, convidamos o leitor e a leitora a mergulharem em algumas das distintas definições de verdade apresentadas pela filosofia (Dowden; Swartz, 2024) e na forma como os vieses algorítmicos podem obscurecer nossa compreensão delas. Essas distorções digitais moldam nossa realidade, influenciando não apenas o que percebemos, mas como percebemos, dentro do vasto espectro de informações disponíveis.

Ao entrelaçar essas definições filosóficas com o funcionamento dos algoritmos, obtemos uma compreensão profunda das diversas concepções de verdade que pode nos equipar para reconhecer e combater as manipulações e a polarização exacerbada pelas tecnologias digitais.

O entendimento desses princípios não apenas lança luz sobre os desafios impostos pela sociedade da informação, mas também nos fornece ferramentas cognitivas pelas quais podemos salvaguardar nossa autonomia de pensamento, resistindo às tendências manipu-

“A ERA DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO PROMETE ILUMINAÇÃO E ENTENDIMENTO, MAS ENFRENTAMOS UM PARADOXO: QUANTO MAIS INFORMAÇÕES TEMOS AO NOSSO ALCANCE, MAIS DESAFIADOR PODE SER IDENTIFICAR A VERDADE (MORAES; TESTA, 2023)”



© MOOR STUDIO / GETTY IMAGES

lativas e polarizadoras nas redes sociais e além. Desvendemos, então, os intrincados mecanismos de distorção da verdade à luz de um antídoto filosófico para a crise de informação que enfrentamos atualmente. Confira:

CORRESPONDENTISMO

O correspondentismo é uma das teorias filosóficas mais antigas e influentes sobre a natureza da verdade. Explicando de forma bastante simplificada, ela postula que uma afirmação é verdadeira se, e somente se, ela corresponde aos fatos ou à realidade. Essa correspondência é tipicamente entendida em termos de uma relação entre palavras ou pensamentos e o mundo externo. Figuras históricas como Aristóteles e mais tarde filósofos modernos como Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein têm sido associadas a essa concepção. Russell (2005), por exemplo, defendeu uma versão do correspondentismo em que a verdade de uma crença depende de sua correspondência com os fatos, que são estruturas independentes da mente.

REALIDADE DISTORCIDA

Sob a ótica do correspondentismo, os vieses algorítmicos introduzidos pelos filtros bolha representam um desafio significativo. Esses vieses podem distorcer a percepção da realidade dos usuários, levando-os a formar crenças baseadas em uma realidade filtrada e, portanto, incompleta. Por exemplo, considere a situação de um usuário de redes sociais cujo *feed* é dominado por uma única perspectiva política devido ao algoritmo da plataforma. Se essa pessoa adotar crenças baseadas apenas nas informações fornecidas por esse *feed*, essas crenças podem parecer “verdadeiras” no contexto de sua realidade percebida, mas podem falhar em corresponder à realidade mais ampla e diversificada.

Assim, se tal usuário recebe constantemente notícias que pintam uma imagem negativa de um determinado grupo social ou político, ele pode formar a crença de que esse grupo é universalmente problemático. No entanto, essa crença é baseada em uma amostra distorcida da realidade, alimentada por algoritmos que favorecem conteúdo com o qual o usuário tende a concordar. Esse cenário revela um descompasso crítico entre a crença do usuário e a realidade objetiva, um descompasso que o correspondentismo identifica como um sinal de falsidade.

Para mitigar distorções e alinhar-se melhor com a verdade, conforme o correspondentismo sugere, é vital que os indivíduos adotem uma postura crítica e diversificada ao absorver informações. Isso implica engajar-se ativamente na busca de contraexemplos para confrontar argumentos ou perspectivas. Ao se deparar com uma afirmação, é importante questionar-se ativamente: por que existem pessoas que discordam dessa visão? Quais experiências ou informações levam essas pessoas a terem opiniões divergentes? Aprofundar-se nessas questões envolve buscar ativamente fontes variadas, confrontar crenças pessoais com novas evidências e checar a veracidade de afir-

mações encontradas on-line. Essa abordagem não só promove uma compreensão mais ampla de diferentes pontos de vista, mas também permite aos indivíduos começar a resolver as discrepâncias entre suas crenças e a realidade objetiva, aproximando-se assim da concepção de verdade defendida pelo correspondentismo.

COERENTISMO

O coerentismo é uma abordagem filosófica sobre a natureza da verdade que contrasta com o correspondentismo ao enfatizar a importância da coesão interna entre crenças, em vez de uma correspondência literal com a realidade externa. Segundo essa teoria, uma crença é julgada verdadeira quando se integra de maneira harmoniosa a um conjunto interligado de outras crenças. Defensores dessa visão, como Nicholas Rescher, sustentam que a verdade não deriva de uma única relação direta entre uma crença individual e o mundo, mas do ajuste dessa crença dentro de um tecido coerente de crenças e conhecimentos. Enquanto filósofos como Baruch Spinoza e Immanuel Kant são frequentemente associados ao correspondentismo, eles, junto com J. G. Fichte e G. W. F. Hegel, são também reconhecidos por suas contribuições ao desenvolvimento do coerentismo, destacando a complexidade da natureza da verdade.



“ENGAJAR-SE EM DIÁLOGOS COM PERSPECTIVAS OPOSTAS PODE SER UMA ESTRATÉGIA VALIOSA: AO SER DESAFIADO A FORMULAR ARGUMENTOS LÓGICOS PARA DEFENDER SEU PONTO DE VISTA DIANTE DE ALGUÉM COM UMA PERSPECTIVA DIFERENTE, VOCÊ SE ENGAJA EM UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE SUAS PRÓPRIAS CONVICÇÕES”

ILUSÃO DE CONSISTÊNCIA

Sob a influência dos algoritmos, o coerentismo enfrenta desafios particulares. Ao apresentar aos usuários conteúdo que ecoa suas crenças existentes, os algoritmos reforçam o que eles já consideram verdadeiro. Embora isso possa aumentar a coerência interna do conjunto de crenças de um indivíduo, frequentemente faz isso à custa da exposição a informações diversas ou contraditórias. Essa situação pode levar a uma “ilusão de consistência”, na qual um sistema de crenças parece mais unificado e sem contradições do que realmente é, simplesmente porque as crenças desafiadoras são sistematicamente excluídas. Essa situação pode ser comparada a um cientista que considera apenas os dados que confirmam sua hipótese, ignorando qualquer evidência em contrário; o resultado é uma teoria que parece sólida dentro de um sistema fechado, mas que é fundamentalmente falha. Para mitigar os impactos distorcidos dos algoritmos sob a ótica do coerentismo, é crucial não apenas buscar ativamente uma variedade de opiniões e informações, mas também se questionar criticamente: essa conclusão baseia-se em uma sequência lógica e bem fundamentada de argumentos? Em outras palavras, existem fortes e bons argumentos que justificam essa crença? Ou minha aceitação deve-se principalmente à sua compatibilidade com minhas precepções? Engajar-se em diálogos com perspectivas opostas pode ser uma estratégia valiosa: ao ser desafiado a formular argumentos lógicos para defender seu ponto de vista diante de alguém com uma perspectiva diferente, você se engaja em uma reflexão crítica sobre suas próprias convicções. Desafiando e avaliando a solidez de suas crenças diante de um espectro mais amplo de informações, você pode aprimorar seu conjunto de crenças, tornando-o mais sólido e confiável, refletindo assim uma compreensão mais autêntica e ampla da verdade.

CONSENSUALISMO

O consensualismo é uma teoria epistemológica segundo a qual a verdade é determinada pelo consenso dentro de uma comunidade ou grupo. Essa abordagem, que tem suas raízes nas ideias de filósofos como Jürgen Habermas, enfatiza a importância do acordo coletivo e do diálogo no estabelecimento da verdade. Ao invés de se basear unicamente em correspondências objetivas ou coerências internas, o consensualismo vê a verdade como um produto da interação social e do consentimento mútuo.

ECO DA CONFORMIDADE

No contexto dos ambientes digitais, o consensualismo enfrenta desafios significativos. Algoritmos das plataformas de rede social tendem a agrupar os usuários com base em preferências e crenças preexistentes, criando espaços de homogeneidade ideológica. Nesses espaços, um tipo de “consenso fechado” pode emergir, onde as crenças são reforçadas pela repetição constante e pela aceitação generalizada dentro do grupo, independentemente de sua veracidade factual ou validade lógica da argumentação que as sustentam. Por exemplo, em uma comunidade on-line dedicada a uma teoria da conspiração específica, os membros podem chegar a um consenso que endossa

“EM UMA COMUNIDADE ON-LINE DEDICADA A UMA TEORIA DA CONSPIRAÇÃO ESPECÍFICA, OS MEMBROS PODEM CHEGAR A UM CONSENSO QUE ENDOSSA ESSA TEORIA, NÃO PORQUE ELA SEJA APOIADA POR EVIDÊNCIAS SÓLIDAS, MAS PORQUE O GRUPO ATIVAMENTE EXCLUI INFORMAÇÕES DIVERGENTES”



PRAGMATISMO

O pragmatismo é uma escola de pensamento que avalia a verdade em termos de suas consequências práticas e eficácia no mundo real. Filósofos pragmatistas como William James, Charles S. Peirce e John Dewey argumentam que a verdade não é uma correspondência estática com a realidade ou uma mera consistência lógica entre ideias, mas sim algo que se revela através de suas aplicações práticas e resultados benéficos. Segundo essa visão, uma crença é verdadeira se ela ajuda a navegar no mundo de maneira eficaz e satisfatória. Esse conceito pode ser exemplificado pela resposta do cientista Richard Dawkins à questão sobre a confiabilidade da ciência.

“O PRAGMATISMO É UMA ESCOLA DE PENSAMENTO QUE AVALIA A VERDADE EM TERMOS DE SUAS CONSEQUÊNCIAS PRÁTICAS E EFICÁCIA NO MUNDO REAL”

essa teoria, não porque ela seja apoiada por evidências sólidas, mas porque o grupo ativamente exclui informações divergentes. Esse consenso, embora reconhecido internamente, pode não corresponder ao consenso geral, mas a um acordo baseado em informações incompletas e frequentemente distorcidas.

Para ultrapassar essa limitação, seria prudente questionar: quais membros do meu grupo endossam essa afirmação? Eles possuem verdadeira *expertise* no assunto? E, fora do grupo, quem mais compartilha dessa visão e por quê? Além disso, indagar: as evidências contra essa teoria foram consideradas e refutadas de maneira satisfatória? Um consenso autêntico não deve emergir do isolamento e eco repetitivo de um círculo fechado, mas, ao contrário, deve ser o resultado de um processo deliberativo aberto, inclusivo e criterioso, promovendo um espaço onde variadas vozes e perspectivas possam contribuir para a criação de um entendimento comum mais bem-informado e ponderado.

Ele ressaltou de forma enfática: “Por que devemos confiar na ciência? Porque ela funciona!” (Dawkins, 2013). O biólogo argumenta que a veracidade e a eficácia da ciência comprovam-se através de suas aplicações concretas: aviões que voam, carros que se movem e computadores que operam eficientemente. Ele sustenta que, quando a medicina baseia-se em princípios científicos, pacientes são curados; quando o *design* de aviões apoia-se na ciência, eles voam; e quando o desenvolvimento de foguetes é fundamentado em conhecimento científico, alcançam a Lua. Esses sucessos tangíveis reiteram a premissa pragmática de que uma ideia ou crença é verdadeira quando produz resultados efetivos e benéficos no mundo real.



FALÁCIA DA FUNCIONALIDADE

No ambiente digital moderno, filtros bolha e câmaras de eco podem distorcer a noção de “eficácia prática”, fazendo com que crenças e informações que são reforçadas por esses filtros pareçam mais úteis ou verdadeiras do que realmente são. Por exemplo, uma pessoa pode acreditar que uma determinada dieta milagrosa é eficaz simplesmente porque leu numerosos relatos positivos dentro de um grupo fechado on-line, sem considerar evidências científicas ou médicas contrárias.

Essa percepção distorcida de funcionalidade, baseada em um conjunto limitado de experiências e informações, pode levar a decisões e comportamentos mal-informados. Uma crença pode parecer “funcionar” dentro do microcosmo de um ambiente digital filtrado, mas falhar miseravelmente quando confrontada com a complexidade e diversidade do mundo real.



Conclusão

Ao investigar diferentes teorias da verdade, mais que uma simples reflexão sobre a natureza da verdade, buscamos também compreender como os vieses algorítmicos podem distorcer nossa percepção dela. Cada abordagem teórica oferece uma lente única através da qual podemos analisar e avaliar criticamente as informações que nos chegam. Nesse processo de escrutínio, consideramos várias perguntas essenciais:

Determinada afirmação reflete os fatos de forma precisa? Existem situações ou evidências que contradizem essa afirmação? Procurar encontrar contraexemplos de forma ativa é o primeiro passo para um pensamento efetivamente crítico.

Determinado raciocínio é logicamente bem construído? Quais são os argumentos que apoiam determinada afirmação? Eles são robustos e bem fundamentados? Avaliar a lógica por trás de uma afirmação nos ajuda a identificar se ela é construída sobre uma base argumentativa sólida ou se é fruto de falácias e distorções.

Existe um acordo geral entre especialistas sobre determinada afirmação? As opiniões e análises de pessoas com conhecimento aprofundado no assunto corroboram ou refutam a afirmação? Considerar o consenso entre especialistas nos permite acessar uma compreensão mais profunda sobre um tema.

As evidências que sustentam determinada afirmação podem ser testadas e replicadas por outras pessoas? Uma afirmação que resiste ao teste de replicabilidade ganha mais credibilidade, pois indica que não depende de condições especiais ou interpretações subjetivas.

Ao aplicar essas perguntas como ferramentas de análise, transformamos teorias da verdade em antídotos filosóficos contra a desinformação e os vieses. Esse método crítico nos capacita a filtrar a informação de forma mais eficaz, promovendo um en-

tendimento mais aprofundado da realidade. Desenvolver essa habilidade de questionamento crítico é essencial numa era dominada por informações rápidas e muitas vezes não verificadas, permitindo-nos navegar com mais segurança no vasto mar informacional. **hmt**

NOTAS

1 Um algoritmo, no contexto das redes sociais, refere-se a um conjunto de regras e procedimentos computacionais utilizados pelas plataformas para organizar, priorizar e entregar conteúdo aos usuários. Esses algoritmos analisam uma vasta gama de dados, como interações, preferências e comportamentos dos usuários. Dessa forma, os algoritmos determinam quais publicações aparecem no *feed*, em que ordem e com que frequência, sendo projetados para maximizar o engajamento e mostrar conteúdo que tem mais chances de captar a atenção de cada usuário — como tópicos em tendência, postagens de conexões

próximas ou itens semelhantes com os quais o usuário interagiu anteriormente. Como resultado, os algoritmos das redes sociais influenciam significativamente quais informações são destacadas e como os usuários percebem os ambientes on-line, moldando o discurso público e as relações pessoais na era informacional.

2 As tecnologias digitais de comunicação referem-se ao conjunto de ferramentas, plataformas e sistemas, conectados à internet, que permitem a troca de informações e a interação entre pessoas no ambiente virtual. No presente texto, focamos-nos nas redes sociais, por exemplo, Facebook, Instagram, TikTok, entre outras.

REFERÊNCIAS

Dawkins, R. [Entrevista concedida a] Stephen Law. Sheldonian Theatre, Oxford, Inglaterra, em 15 fev. 2013.

Dowden, B.; Swartz, N. Truth. *The Internet Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <https://iep.utm.edu/truth/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

Moraes, J. A.; Testa, R. R. A sociedade contemporânea à luz da ética informacional. *Acta*

Scientiarum. Human and Social Sciences, v. 42, n. 3 e56496, 2023.

Ross Arguedas, A.; Robertson, C. T.; Fletcher, R.; Nielsen, R. K. Echo chambers, filter bubbles, and polarisation: A literature review. *Reuters Institute for the Study of Journalism*. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.60625/risj-etxj-7k60>. Acesso em: 29 fev. 2024.

Russell, B. *Os problemas da filosofia*. São Paulo: Edições 70, 2008.

RAFAEL R. TESTA é doutor em Filosofia pela UNICAMP. Realizou pós-doutorados nas áreas da Lógica e Epistemologia Formal no CLE-UNICAMP, na FCEE-UMa (Portugal) e no IFCS-UFRRJ. Pesquisador colaborador da UNICAMP. ✉ rafaeltesta@gmail.com

JOÃO ANTONIO DE MORAES é doutor em Filosofia pela UNICAMP. Autor dos livros *Implicações éticas da virada informacional na Filosofia* (EDUFU, 2014) e *O paradigma da complexidade e a Ética Informacional* (CLE-UNICAMP, 2019). Coordenador e docente do Departamento de Filosofia da FAJOPA. ✉ moraesunesp@yahoo.com.br



© DOMÍNIO PÚBLICO / COMMONS WIKIMÉDIA.ORG

Homem lendo jornal. 1920. Wacław Wąsowicz.

"A era da sociedade da informação promete iluminação e entendimento, mas enfrentamos um paradoxo: quanto mais informações temos ao nosso alcance, mais desafiador pode ser identificar a verdade. Diante de uma enxurrada informacional incessante e muitas vezes contraditória, a capacidade de separar fatos de ficção torna-se uma habilidade crucial, mas cada vez mais complexa."
Rafael R. Testa e João Antonio de Moraes